

Elizabeth Gontijo: O Reino das Artes Simbólicas

Fábio Lucas¹

Prólogo

Menciono alusões ao meu modo de ser para englobar aspectos da obra *Marca d'Água* de Elizabeth Gontijo (Belo Horizonte: Casa Escrever, 2017). Ao formatar livro tão belo, tão bem disposto ao manuseio, tão harmonioso entre as impressões visuais e auditivas, a autora delega ao leitor um objeto poliforme, acordando, neste, múltiplas percepções.

Coleciono princípios críticos que me ajudam a organizar o entusiasmo que me tomou o conhecimento dessa preciosidade. Sempre julguei que ninguém lê a mesma obra duas ou mais vezes. Mudam-se os fatores, textos e contextos sujeitam-se a novas percepções, mormente quando se anuncia o alto relevo das mensagens, cuja densidade de colorido poético traz a marca da ressonância na vivência das achegas espirituais. A visita frequente à mesma produção literária cria a atmosfera de convívio. O breve poema a Carlos Drummond de Andrade, à p. 76, ilustra a contenção de um recado ao poeta-maior. Título: “Meu anjo à *gauche*”. Jeito de bilhete, recadinho. Primeiro passo: “Querido poeta”. O último passo encerra-se na assinatura coloquial do remetente: “Eliza”.

Minha imaginação fenomenológica pousou numa das obras de Lenilde Freitas: *Tributos*, pois contém a respiração dos eflúvios magnéticos de uma seleta cifra de poetas nacionais e estrangeiros.

A abundância de imagens consolida uma tendência de Elizabeth Gontijo de narrar o mistério, passando da escuridão para o ofuscante sombrio e deste para a claridade do coloquial, para a obviedade dos simples.

Trata-se de “Notas Avulsas de um Caderno Falível”. É de acerto memorável. Pontua o vago desejo de eliminar, no título, o vocábulo “falível”. A poeta se entrega a

¹ Ensaísta, professor, crítico literário. Autor de várias obras, dentre as quais, *Um livro cheio de prosa*, ilustrações de Nani, Ed. do autor, 2014. *Novas Mineiranças*, Ed. Baobá, 2016.

uma autobiografia saudosista, em numerosos achados, um após o outro. O conjunto de composições chega até a atravessar instâncias herméticas que, no entanto, o sol de todos os dias, neste país tropical, dissolve aos poucos, sem, todavia, decifrar o mistério do mundo, o "eu" ultra-sensível, encolhido perante a azáfama das relações ou a contemplação serena do espetáculo paisagístico. Concluo com a convicção de que o enredo de Elizabeth Gontijo é a busca incessante de si. Basta observar a poli-sequência de iluminações, ou seja, onze *flashes* em torno do núcleo aglutinante, no deslumbramento do "eu" perante as fugitivas aparências da inquietação humana. Uma espécie de behaviorismo no sentido de apagar qualquer tipo de coerção, ajeitando o que nos controla. Aliás, na lição de Erich Fromm, a principal tarefa do ser humano é promover o próprio nascimento.

Impressiona-me como os vínculos emocionais da infância tornam-se essência da natureza do ser humano. A leitura dos primeiros poemetas de Elizabeth Gontijo acende em mim áreas de formação filosófica.

Mera transcrição de poemetas do conjunto "Notas Avulsas de um Caderno Falível":

- I *Sem o branco do silêncio,
sem as reticências do tempo,
onde aninhar a esperança?*
- II *Oh! Deus,
pastor e ovelha,
ensina-me vossa humanidade*
- III *Na planura do coração,
a se perder de vista,
encontro razão de viver.*
- IV *Podemos nos ^{RESTOS} vislumbrar
um brilho outrora insuspeitado.*

V *Quem me dera vivesse eu só no raso.
Entrementes, não há como negar
a abissal angústia
que me constitui.*

VI *A arte desperta o não efêmero
Roça em algo permanente.*

VII *Escrever refresca meu limbo,
me aviventa
na travessia da noite escura.
Canto de galo
em opaca madrugada.
Anúncio de luz.*

A mostra acima, observados os mínimos pormenores, não só me transporta aos primeiros estudos da cultura grega, aos pré-socráticos, a Sócrates e seu surpreendente discípulo Aristóteles, como aos resíduos do Modernismo Brasileiro e à concentrada perícia de Elizabeth Gontijo: versos não rijamente rimados, nem de equânime distribuição de tônicas, de rigorosa medida silábica. Os pormenores são seguramente controlados: letra maiúscula, minúscula, ponto final.

O salto pessoal vem a ser a enorme densidade lírica associada ao relato com uma cota de prosa, algo que andou em moda quando João Cabral de Melo Neto afastou-se da atração modelar de Drummond e alçou-se ao andor propagandístico dos concretistas; estes, por sua vez, seguidores da vanguarda concreta dos Estados Unidos.

Elizabeth Gontijo poderá figurar na História da Literatura Brasileira de acordo com variados critérios de organização sob a epígrafe de estilos e correntes dominantes. Tal epígrafe compreende as tendências de época e pontuam artes diversas. Pela tradição, impulsos daquelas de teor musical, enfatizando a musicalidade sedutora das palavras. Também se notabilizam as artes plásticas, estas afeitas à refinada preparação da poeta, já que se encarregou da ilustração. Entre as

composições de raro bom-gosto intercalam-se desenhos, forma e cores de exímia elaboração, verdadeiros intervalos mudos que beneficiam a acolhida do leitor.

Alguém deverá indagar: Prólogo? História da Literatura Brasileira? Confesso que *Marca d'Água* abre extensos horizontes, comporta análises intrínsecas e extrínsecas. Texto e contexto amalgamam-se, convidam um curso, oferecem espaço intercomunicativo entre as artes plásticas e as artes do discurso poético. Há no objeto "livro" um jogo memorável de metalinguagens, pois propostas repetidas de uma "arte poética" florescem desde o início. Assim, retorno ao primeiro poema, meramente para que o leitor se admire de quantos valores estéticos se encontram ofertados. Eis o poema "Parceria":

Um rio serpenteia a estrofe.

O silêncio abre espaço

às folhagens.

À margem,

acúmulo de tinta

espera derramar

uma única palavra.